



35.º Festival de Almada



Teatro

35º FESTIVAL DE ALMADA NÃO PODE ESTAR EM RISCO

O resultado provisório do concurso que teve por base o novo modelo de apoio às artes, e que foi promovido pela Direcção-Geral das Artes para o apoio à criação teatral nos próximos quatro anos, coloca a CTA e o Festival de Almada numa posição insustentável, uma vez que estabelece um corte no apoio do Estado de cerca de 25%. Este corte, a confirmar-se, compromete seriamente a 35.ª edição do Festival de Almada.

Apesar da excelente avaliação da nossa candidatura, e de na sua apreciação o júri do concurso ter assinalado que “o Plano de Actividades para o quadriênio é vasto, diversificado e apresenta-se claro e estruturado”; que “a candidata demonstra dinamismo no âmbito do serviço educativo e do desenvolvimento de públicos”; que “a comissão regista positivamente o elevado número de contratos de trabalho, o que confere estabilidade à equipa e revela boas práticas de empregabilidade”; e que “o projecto de gestão é coerente e está adequado às actividades propostas” — o montante proposto para a nossa Companhia e para o Festival em 2018 consiste em menos de metade daquilo que o Estado entendia ser adequado em 2009. E é já inferior à subvenção atribuída pela Secretaria de Estado da Cultura à CTA e ao Festival em 1997 — há 21 anos atrás. O facto de a dotação para o Festival de Almada estar incluída na subvenção atribuída à CTA faz com que — quando já temos em curso a nossa Programação de 2018 — nesta altura o apoio da DG Artes ao Festival de Almada se encontre provisoriamente reduzido a 1/3 do valor de 2017.

Decorreu até ao dia 13 de Abril a recolha de contributos em sede de audiência de interessados. Foi o que fizemos, entregando, entre outros documentos, os depoimentos de criadores, críticos de teatro, companhias e festivais estrangeiros, e personalidades políticas que nos manifestaram a sua estupefacção, indignação — e esperança que, seja qual for o entendimento final do júri, o Festival de Almada tenha o apoio que merece por parte do Estado e continue nesta 35ª edição a constituir a referência de qualidade a que todos se habituaram em Portugal e no estrangeiro. São alguns desses testemunhos que agora publicamos, editados para caberem neste número especial do «MaisTMJB».

Companhia de Teatro de Almada

Nº 30 | ABRIL 2018

Impressão Grafedisport,
impressão e artes gráficas, SA

Propriedade, distribuição
e publicidade Companhia de Teatro de Almada, CRL

Teatro Municipal Joaquim Benite, Av. Prof. Egas Moniz, Almada
Telefone: 21 273 93 60 | Fax: 21 273 93 67 | geral@ctalmada.pt
www.ctalmada.pt | www.facebook.com/TeatroMunicipalAlmada



Tiago Rodrigues, director artístico do Teatro Nacional D. Maria II

O Festival de Almada é, ao fim de 34 edições, o maior e mais importante festival internacional de teatro do nosso país. O Teatro Nacional D. Maria II é um parceiro antigo e convicto deste projecto, beneficiando fortemente desta cooperação ao enriquecer o serviço público de cultura que presta com a apresentação de alguns dos mais relevantes nomes e obras do teatro mundial dos nossos tempos. A singularidade e excelência do Festival de Almada justificaram, a nosso ver, o aprofundar desta parceria nos últimos anos, com a noção clara de que o público, que sempre adere de modo excepcional, dela tem retirado os melhores frutos. É com grande preocupação que testemunhamos as dificuldades com que se depara a Companhia de Teatro de Almada e o subsequente risco de não realização da 35ª edição deste festival, indispensável para a vida cultural portuguesa. É a saúde cultural de todo o país que está em causa se o Festival de Almada está em causa, razão pela qual apoiamos todos os esforços que possam ser envidados no sentido de viabilizar financeiramente esta e as futuras edições deste certame indispensável ao nosso teatro e ao povo português.



Nuno Carinhas, director artístico do Teatro Nacional S. João

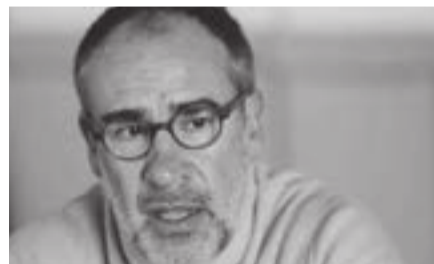
Se o Teatro de Arte é a arte que, na partilha presencial dos espectadores, alarga a visão do mundo contemporâneo e lhes permite viajar para longe do seu quotidiano condicional, revertendo a curiosidade em necessidade e o conhecimento em gosto crítico — então o Festival de Almada tem tido a missão de fazer chegar ao público e aos artistas uma diversidade de construções e linguagens actualizadas que fazem avançar novas leituras. É um Festival cosmopolita que serve os locais (um público mais que iniciado!) e quem nos visita em demanda da arte em período estival, com uma programação cujo critério assertivo e plural agrega teatros estrangeiros e nacionais. Exposições de Artes Plásticas, edições de textos críticos e teóricos, conferências, aulas de mestres, vão

a par com os espectáculos multiplicados pela cidade e na vizinha Lisboa. O FA é sobretudo um lugar de aproximação de públicos, artistas, críticos e programadores de todas as nacionalidades que se encontram num ambiente de fruição informal, momento imprescindível de diálogo e descoberta.



Diogo Infante, actor, director artístico do Teatro da Trindade / Inatel

O Festival de Almada tem, há mais de 30 anos, criado uma plataforma transversal de mostra de Teatro Nacional e Internacional, com extensões em várias salas de Lisboa, disseminando cultura e estéticas, e deixando uma marca indelével no tecido Teatral Português. Enquanto Director Artístico e Programador de vários Teatros, tenho colaborado em várias ocasiões com o Festival e posso atestar, não só da importância e qualidade das produções que nos têm chegado, mas da própria estrutura organizativa, plena de experiência e conhecimento, cujo contributo para o panorama Teatral Nacional não pode deixar de ser valorado. Espero sinceramente que a continuidade do Festival não seja posta em causa, já que esta acarretaria mais uma perda inestimável para as Artes, para a Cultura e para o Teatro Português!



Paulo Ribeiro, bailarino, coreógrafo e director artístico da Companhia Nacional de Bailado

Não é possível que o Festival de Almada não volte a acontecer. O trabalho desenvolvido é exemplar: o Festival, apesar dos 34 anos, mantém uma frescura e uma programação únicas, que é essencial para o País. É essencial para o público, é essencial para os artistas, é essencial para os programadores. O Festival de Almada ultrapassa em muito a dimensão geográfica na qual se insere. O Festival é em Almada, vai para Lisboa e o resto do País. É um pulmão que respira o mundo. O Festival de Almada ultrapassou aquele que foi essencial para todos nós: os Encontros Acarte. Não é possível que desapareça o que de melhor temos. O preço a pagar por este tipo de extinções é em muito superior à sua manutenção e desenvolvimento.



Jorge Silva Melo, encenador e director dos Artistas Unidos

Vi nascer o Festival de Almada, vi-o crescer, vi-o conquistar esta outra banda do rio, vejo-o ser sinónimo de Julho e de Teatro em Julho. Sim, ninguém nos tirará a doçura das noites de Julho entre cá e lá, de programa em punho, nas bichas dos espectáculos, ninguém nos tirará as conversas, a esperança, a beleza irradiante dos espectadores, ninguém. Vi-o nascer, foi nele que nascemos, os Artistas Unidos, vi-o crescer, acompanhamo-nos. Não, não o vamos deixar definhar, não, não o vamos deixar morrer.



Elena Probst, Fundação Share

O ano de 1984 marcou o início do Festival de Almada, que ao longo de 34 anos se tornou uma referência não somente a nível nacional como internacional. No âmbito desse mesmo Festival, e em parceria com a Fundação Share, teve início em 2014 uma série de palestras sob o título “O Sentido dos Mestres” ministradas por consagrados criadores nacionais e estrangeiros, e dirigidas a profissionais e público interessado nestes temas. Os resumos destas palestras deram origem a publicações centradas num cânone de ideias acerca da actividade teatral, contribuindo desta forma para a difusão de saberes por parte dos criadores convidados. Perante a situação actual, tenho (ainda) a esperança de que a inteligência artificial derivante de um qualquer algoritmo ou programa informático não decrete o fim de ambas as realizações — e prevaleça a inteligência humana



Carlos Fragateiro, ex-director do Teatro da Trindade e do TNDM II

A única atitude que os poderes públicos podem ter em relação ao Festival de Almada é dar-lhe todos os apoios necessários e, ao mesmo tempo, desafiá-lo a reinventar-se e a tornar-se o grande festival de re-

ferência que Portugal merece e que ainda não tem. Não podemos esquecer que basta uma pequena distração para que a ideia do Portugal Aldeia Global, que tanto trabalho deu a construir, se esboroe, pois se o fizermos estamos a criar condições para que regresse a ideia do Portugal dos Pequenitos que nunca nos deixou de perseguir.



António Pires, encenador e director artístico do Teatro do Bairro

O Festival de Almada, que acontece todos os anos entre 4 e 18 de Julho, é um evento único no tecido cultural do país. Tem marcado a minha vida artística, porque me permitiu o



Miguel Abreu, actor, encenador e programador cultural

O Festival de Almada tem sido, e continua a ser, um dos únicos festivais de teatro portugueses (e europeus) que tem sido capaz de afirmar ofertas diversificadas e qualificadas de espectáculos de teatro, dança e música, privilegiando a formação do olhar e espírito crítico dos seus espectadores. Conseguiu evitar transformar-se numa central de compra e venda de espectáculos em que muitos dos festivais de teatro e dança europeus se transformaram, mantendo a razão principal do nascimento de qualquer festival — aproximar diferentes artistas de diferentes espectadores, unidos, todavia, por um



«Uma ilha flutuante», de Christoph Marthaler, Théâtre Vidy-Lausanne (2017)

contacto não só com muitos dos espectáculos feitos um pouco por todo o país, mas sobretudo com os grandes nomes do teatro internacional, e com aquilo que de mais relevante se faz internacionalmente. Pode-se dizer que este Festival efectivamente tem contaminado o meu percurso artístico. Por outro lado, o trabalho desenvolvido pela organização, que garante a presença em Portugal de uma série programadores e críticos internacionais, permite às companhias portuguesas mostrar e catapultar os seus trabalhos. Lembro o exemplo da minha criação “Quatro Santos em Três Actos”, de Gertud Stein, que foi apresentada no Festival de Almada há três anos e em consequência convidada para integrar a San Sebastian – Capital Europeia da Cultura. Finalmente, é importante reconhecer que este Festival é uma festa única do Teatro, onde temos oportunidade de ver os nossos espectáculos quase todos esgotados, o que contribui de uma forma ímpar para a fixação de novos públicos para o Teatro.

sentido de honestidade, na oferta e na recepção de espectáculos diversos mas de qualidade nas suas diferentes expressões. Diria mesmo que, para mim, é um dos principais êxitos da estruturação do teatro português proposta e defendida pelo movimento do teatro independente, em Portugal, pós 25 de Abril.



Rui Sérgio, ex-director do Teatro da Trindade

O Festival de Almada tem em 2018 a sua 35ª edição. Durante anos esteve apenas sediado em Almada, mas Joaquim Benite teve a visão de que, para crescer, o Festival tinha de atravessar o rio. Assim foi. O Teatro

da Trindade foi o primeiro espaço a receber produções do Festival e a apoiar directamente este evento teatral, que foi crescendo e hoje é uma referência no universo dos festivais de teatro europeus. Querer ferir de morte o Festival com políticas culturais (ou a ausência delas) nefastas para a cultura portuguesa é não ter a visão de Joaquim Benite quando decidiu atravessar o Tejo.



Carlos J. Pessoa, encenador e director do Teatro da Garagem

O Teatro da Garagem vem expressar solidariedade às pretensões do Festival de Almada no que diz respeito à salvaguarda da sua reconhecida

culos para duas rádios locais. Muitos anos mais tarde, pude colaborar com o festival enquanto desempenhava as funções de programador de teatro na Culturgest. Sobretudo, a relação com o Festival de Almada trouxe à Culturgest a dádiva do seu público entusiasta e militante — é esse público, património insubstituível, que seria um enorme erro defraudar com esta decisão intempestiva.



Susanne Sporrer, Directora do Goethe-Institut Portugal

O Goethe-Institut Portugal declara reconhecer o trabalho da Companhia de Teatro de Almada e do seu director artístico, Rodrigo Francisco. Con-



«Evangelho», de Pippo Delbono (2017)

qualidade e inegável representatividade. Esperando a melhor resolução do assunto do Festival de Almada e dos assuntos de todos os colegas das Artes em geral, o Teatro da Garagem mantém vincados os seus princípios de abertura e boa-fé a todos os intervenientes do meio artístico: tutelas, nacional e as municipais, estruturas de programação, estruturas de ensino, estruturas de criação e entidades singulares.

tamos com a continuidade do Festival de Almada, dada a sua importância na paisagem cultural portuguesa. Colaboramos com a Companhia de Teatro de Almada há vários anos. Temos tido a melhor das experiências com esta Companhia, uma vez que constitui uma importante plataforma de cooperação e divulgação do teatro contemporâneo. Colocamo-nos à disposição para esclarecer quaisquer dúvidas e fornecer informações mais detalhadas.



Francisco Frazão, programador teatral

Foi durante o Festival de Almada que tive o meu primeiro trabalho em teatro, fazendo críticas dos espectá-



Luisa Violo, Directora do Instituto Italiano de Cultura

Venho expressar o meu maior apresso pelo extraordinário traba-

lho desenvolvido ao longo dos anos pelo Festival de Almada, em prol da promoção e divulgação da língua italiana. Igualmente, cumpre-me sublinhar o incansável empenho do seu director, Rodrigo Francisco, a sua competência no âmbito teatral, e a dedicação sempre demonstrada quer nos tempos da vice-direcção do Festival (nos tempos de Joaquim Benite), quer no actual cargo de Director. De facto, pelo nível elevado e pela excelente qualidade da programação levada a cabo pelo Festival de Almada, o Instituto Italiano de Cultura tem vindo sempre a colaborar e a apoiar o Festival, desde as suas primeiras edições. Considero imprescindível e precioso o trabalho realizado pelo Festival, e auspicio que continue a receber os devidos e merecidos financiamentos, para que possa dar continuidade ao projecto de divulgação do teatro português e mundial, continuando a estar presente e acreditado nas plataformas internacionais enquanto presença fundamental das boas práticas portuguesas de saber fazer cultura.

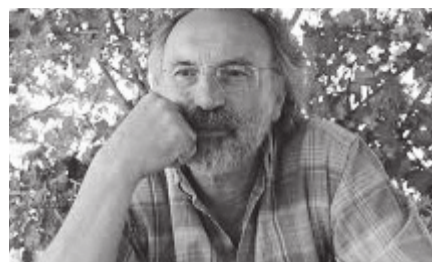
xelles. Para além desta participação, podemos salientar uma excelente colaboração com a Companhia de Teatro de Almada, tendo em conta a longevidade desta e os inúmeros espectáculos belgas que tiveram lugar neste Teatro. A Bélgica espera poder prolongar esta excelente colaboração com a Companhia de Teatro de Almada nesta e nas futuras edições.



Helena Genésio, Directora do Teatro Municipal de Bragança

Quero de uma forma muito especial manifestar a minha indignação pelo corte no financiamento ao Festival de Almada, que ao longo dos anos

vive nos dias do festival; é um espaço de modernidade, de encontro, de reflexão e de partilha, que contagia espectadores, públicos, artistas, programadores, jornalistas — por isso é tão acarinhado e considerado, unanimemente, o principal evento teatral do País e um dos mais importantes da Europa.



Mário Primo, director da Mostra de Teatro de Santo André

É com enorme preocupação que vejo o Festival de Almada passar por dificuldades que colocam em causa a sua realização. O Festival de Almada constitui a todos os níveis uma referência para todos os festi-



Mário Vieira de Carvalho, ex-Secretário de Estado da Cultura

O Festival de Almada é o festival de teatro mais importante do País e o único em Portugal que se tornou uma referência internacional de primeiro plano, pela representatividade das companhias, projectos, escolas, tendências, e experiências inovadoras que anualmente põe em confronto, vindas de todo o mundo. Para além dos espectáculos apresentados, que proporcionam a um vasto público já fidelizado nacional e



«Golem», de Suzanne Andrade, 1927 (2017)



«Susn», de Herbert Achternbusch, encenação de Thomas Ostermeir (2016)



Diane Detollenaere, Embaixada da Bélgica em Lisboa

O Festival de Almada representa em Portugal um dos festivais de teatro mais activos, contando com a participação de vários países, nomeadamente a Bélgica, a França, a Itália, a Argentina, a Espanha, a Noruega, a Roménia, Israel, a Suíça e a Inglaterra. Este Festival simboliza igualmente um marco importante para as companhias de teatro portuguesas, que são muito bem representadas no Festival. Anualmente, a Bélgica já faz também parte deste grande Festival, contribuindo com uma peça de teatro, resultado de um acordo entre a Companhia de Teatro de Almada e a Federação Wallonie-Bru-

tem sido a montra do teatro que se faz não apenas no país mas na Europa, tornando-se por isso mesmo um marco incontornável da nossa vida cultural. O Festival de Almada tem contribuído de forma indelével para a educação e formação de públicos de teatro, alargando, de ano para ano, os nossos horizontes de expectativa enquanto espectadores.



Álvaro Santos, Director da Casa das Artes de Vila Nova de Famalicão

O Festival de Almada é reconhecido pela qualidade das práticas teatrais, pela diversidade dos públicos, pelo ambiente informal que acolhe e se

vais portuguesas, pela forma como nasceu, cresceu e se consolidou numa margem sul, ali tão perto e simultaneamente tão longe em termos culturais da capital. Trata-se a meu ver do melhor festival nacional, pela excelência das suas programações e pela oportunidade que dá à população portuguesa de tomar contacto com as grandes companhias e com os grandes intérpretes e criadores mundiais. O festival de Almada é verdadeiramente uma festa nacional do Teatro e um dos grandes festivais europeus que honra não apenas Almada mas todo o país, e por tudo isso deve ter condições para se manter e crescer, já que todos necessitamos dele vivo e prestigiado, respeitando e honrando a memória do seu fundador e o legado cultural que nos deixou.

internacionalmente o privilégio de se inteirar da actualidade teatral na sua dimensão multicultural, é um ponto de encontro, de debate e de diálogo; de conhecimento mútuo e de exercício crítico que por sua vez se repercute na dinâmica criativa e inovadora das entidades participantes. Pela excelência que tem assegurado ao longo dos anos (a qual exige a utilização simultânea de várias salas de espectáculos em Almada e Lisboa), ganhou um prestígio internacional que é necessário salvaguardar. Faz parte integrante do que o nosso património teatral tem de melhor. Tanto mais que o Festival de Almada não paira acima do nada; antes emerge do trabalho continuado numa companhia profissional bem inserida localmente como centro de emprego artístico e pólo de actividade cultural e educativa, geradora de novos públicos e sediada num edifício — o Teatro Municipal Joaquim Benite — que é um dos teatros tecnicamente mais multivalentes e bem apetrechados a nível nacional e internacional.

O Festival de Almada existe porque a Companhia de Teatro de Almada tem feito quotidianamente de Almada uma verdadeira capital do teatro.



Jorge Barreto Xavier, ex-Secretário de Estado da Cultura

O Festival de Almada é uma instituição. Ao longo da sua existência, construiu o pólo mais relevante do País para a apresentação regular da arte teatral, no contexto de um festival. Gerou uma dinâmica singular para a cidade de Almada, mobilizando a sua população em torno da actividade artística. Projectou-se nacional e internacionalmente, apresentado programas de grande exi-



João Bosco Mota Amaral, ex-presidente da Assembleia da República

O Festival de Almada goza de um merecido prestígio, em resultado de ser em cada ano um momento de encontro com experiências variadas de criação teatral. Nascido na Outra Banda, mercê da capacidade organizativa de Joaquim Benite e da equipa que o ajudou a pôr de pé o Teatro de Almada, conferindo-lhe uma notável projecção nacional, o Festival já há muito galgou o Tejo e invadiu os palcos de Lisboa, alargando o seu público-alvo e com geral aprazimento. Todos os anos, na época habitual, são os apreciadores de Teatro desafiados para uma grande

É com profunda preocupação que tomámos conhecimento dos cortes substanciais anunciados para o Festival de Almada, com a decisão da DG Artes para o financiamento público ao teatro dos próximos quatro anos, que põe em causa a realização da sua 35.ª edição, em Julho próximo. Ao longo de todos estes anos, o Festival de Almada tem vindo a contribuir de forma inegável para o contacto da população com o trabalho desenvolvido por nomes maiores do teatro mundial – mas também para o encontro e conhecimento mútuo da diversidade cultural sempre patente em todas as suas edições. Para além dos espectáculos teatrais, destaca-se a própria reflexão e o debate proporcionado nas muitas e importantes iniciativas integrantes da sua programação, que reuniram e reúnem artistas, investigadores, técnicos, críticos, etc. – com o público do Festival. Ao evidenciar sempre uma preocupação de incitar a vivência da cidadania, a fruição cultural, a formação integral, constituiu-se como um pilar fundamental na democratização



Nuno Matias, Vereador da Câmara Municipal de Almada (PSD)

O Festival de Almada é um evento que orgulha Almada, mas é também uma bandeira do país cultural que devemos ser, sendo um dos mais prestigiados do Mundo. A realização da sua 35ª edição mostra que não é um momento pontual, mas sim um projecto de afirmação contínuo, estruturado, e que deve merecer um apoio específico por parte das entidades públicas para garantir que podemos ajudar a manter um cartão de visita do Portugal aberto ao Mundo, à Cultura, ao cruzamento de saberes e de vivências. Por isso, considero que devem ser criadas as condições para que o apoio a este tipo de even-



«Pinóquio», de Joël Pommerat (2016)



«A gaviota», de Tchechov, encenação de Thomas Ostermeier (2016)

gência com nomes de referência no contexto internacional e, ao mesmo tempo, estimulando a criação teatral portuguesa e abrindo espaço, através de programas educativos, a todos os tipos de público. Corresponde a uma centralidade em torno da qual se multiplicaram projectos e dinâmicas em rede. Como fiel depositário de subvenção pública nacional e municipal, o Festival de Almada tem devolvido à comunidade o suporte que recebe com uma presença inspiradora e construtora, através do papel indispensável das artes no quadro de uma sociedade de cidadãos livres, oferecendo a fruição da pluralidade de uma oferta cultural estável, mas ao mesmo tempo inovadora. Considero que é importante o Estado, sem desmerecer a importância do suporte a novos projectos de criação e programação, ter a capacidade de não desmerecer a actividade de organizações artísticas âncora da cena contemporânea portuguesa. É nesse equilíbrio que se cumpre o serviço público de cultura.

variedade de espectáculos, incluindo de companhias estrangeiras, divulgando autores, atores e actrizes, encenadores e toda a restante companhia necessária à montagem de uma peça teatral. O actual Director do Teatro de Almada, Rodrigo Francisco, com o expressivo apoio da Autarquia, agora presidida por Inês de Medeiros, ela própria uma actriz, tem feito um trabalho extraordinário na dinamização da sua Companhia e do Festival. O Estado não pode ignorar o valor do Festival de Almada. Criar-lhe dificuldades não é justo e empobrece culturalmente Portugal!



Francisco Lopes, deputado do PCP à Assembleia da República.

do acesso da população à cultura e na efectivação dos seus direitos culturais. Aliás, tem sido ao longo dos tempos evidente a profunda identificação das populações para com um projecto artístico e cultural de longo prazo, que é parte integrante de um percurso de libertação, desenvolvimento, conquista e resistência, marca identitária da luta dos trabalhadores e do povo desde a resistência ao fascismo até à defesa dos valores de Abril. Os deputados do PCP na Assembleia da República eleitos pelo círculo de Setúbal, perante as preocupantes notícias que colocam em causa a realização do Festival de Almada, manifestam a sua solidariedade de sempre para com toda a equipa que torna possível esta incontornável realização cultural que é o Festival de Almada, e sublinha o carácter urgente e indispensável de uma inversão destes cortes e destas políticas restritivas no financiamento das artes.

tos possa ter em conta a sua especificidade, o seu valor cultural, mas também as externalidades positivas que acrescentam na reputação do nosso país, e devem ser pensadas regras que contribuam para a sua estabilidade pois, depois de 34 edições e de um caminho de afirmação, seria dramático colocar em causa um Festival que leva o nome de Almada e de Portugal mais longe.



Francisca Parreira, Vereadora da Câmara Municipal de Almada (PS)

O Festival de Almada e o marcante trabalho que desenvolve são uma marca imprescindível e identitária do nosso Concelho, com reconheci-

mento a nível nacional e internacional. Contem, sem hesitações, com a minha voz na defesa da nossa Cidade e do nosso Teatro.



José Gonçalves, Vereador da Câmara Municipal de Almada (PCP)

É inaceitável que por razões de ordem financeira ou desajustamento dos critérios do concurso se coloque o Festival de Almada em situação de não ter condições para manter o padrão programático que nos assegurou em todos os eventos, e o distinguiu como único e ponto alto da cultura do País. A cidade de Almada, a região e o País devem muito ao Festival de Almada, pelo seu per-

ra. Desconheço os critérios do júri, mas o corte previsto, a concretizar-se, vai claramente ao arripio das declarações feitas pelo governo no sentido do reforço do apoio à cultura. É difícil conjugar aumentos com cortes. Almada não deixará de estar com o seu Festival.



Joana Mortágua, Vereadora da CMA (Bloco de Esquerda)

O Festival de Almada é um dos grandes eventos de teatro do país. Ao longo dos anos, Almada tem-se orgulhado de receber públicos, autores e companhias de todo o mundo. Foi esta diversidade e qualidade que fizeram do Festival uma das maiores

sibilidade de que os cortes às Artes por parte do Governo possam colocar em causa a realização de mais uma edição do Festival de Teatro de Almada, que todos reconhecemos. É uma preocupação para o CDS-PP, para a Companhia de Teatro de Almada, para todo o concelho, como também essa preocupação se deverá estender a todo o país, pois o evento tem uma repercussão considerável não só em Almada, não só no país — mas mesmo internacionalmente.



Sandra Duarte, deputada municipal pelo PAN

O Festival de Almada é um festival



Luis Miguel Cintra, encenador e ex-director do Teatro da Cornucópia

O Festival de Almada é o único Festival Português que, sendo da responsabilidade de uma estrutura de criação, a Companhia de Teatro de Almada, fundada e durante largos anos dirigida por um “histórico” do Teatro Independente, o Joaquim Benite, e defendida pelo entusiasmo público e único da população de Almada, que conseguiu manter uma dimensão internacional e foi capaz de reunir na mesma programação os mais interessantes artistas de outros



«May B», de Maguy Marin (2016)

curso cultural e pelo seu contributo para a formação e usufruto cultural de gerações. Os Almadenses, o País e numerosos agentes internacionais nunca aceitarão um recuo no apoio público que é devido ao Festival de Almada.

realizações da Companhia de Teatro de Almada, reconhecida nacional e internacionalmente. É inaceitável que se coloque em perigo um evento desta importância, às mãos de um modelo e valor de financiamento contestado em todo o país. Embora o processo não esteja ainda concluído, o Bloco de Esquerda saúda a Companhia de Teatro de Almada pela sua persistência, e manifesta toda a solidariedade na defesa do Festival de Almada.



Joaquim Judas, Vereador da Câmara Municipal de Almada (PCP)

O Festival de Teatro de Almada assumiu-se como “A Homenagem Nacional” aos homens e mulheres do Teatro, como anualmente se testemunha nas muitas centenas de notícias de que é objecto por parte de muitas dezenas de órgãos de comunicação social nacional e estrangei-



António Pedro Maco, deputado municipal pelo CDS-PP

É com tristeza e preocupação que o CDS-PP toma conhecimento da pos-



«E os tempos mudam...», pelo Berliner Ensemble (2015)

de teatro de referência, sendo mesmo considerado o mais importante festival internacional de teatro do país. O Festival de Almada, contando com 34 edições realizadas, pela sua qualidade e abrangência geográfica (que ultrapassa os limites concelhios), tem permitido aos cidadãos o contacto com grandes produções nacionais e internacionais, bem como a experiência de uma relação mais próxima com os actores em produções intimistas, como é o caso, por exemplo, das realizadas na Casa da Cerca. Existe ainda lugar para estreias de novas peças, sendo um palco de divulgação e projecção do Teatro Português. O PAN Almada não pode deixar de mostrar a sua solidariedade e apoio para com a CTA e mostrar o seu descontentamento com a decisão de redução do financiamento público. A descontinuação do Festival de Almada, um ícone cultural do concelho, significaria um enorme retrocesso e um profundo empobrecimento cultural para o país e para a população do concelho de Almada, em particular.

países e criações portuguesas muito diferentes. Durante anos conseguiu ser a Festa anual do Teatro Português na continuidade do Teatro dos Grupos de Teatro Independentes e dos seus critérios Artísticos e que contra ventos, marés e interesses, sempre se regeu por critérios de criação artística mais que por critérios de gestão financeira.



Ricardo Pais, ex-director do TN D. Maria II e do TN S. João

Poupemos governantes e júris e direcções-gerais, que o Circo é demasiado e é de natureza inquinado. Tendo ser prático, peço ao Sr. Primeiro-Ministro, na sua superior missão

de bombeiro interrupto, que ajude a anular com a discrição possível o obscuro corte ao financiamento da CTA e a decorrente anquilose do Festival de Almada, mandando verificar onde estará o enganozito dos 110.000 euros em falta. Fico pessoalmente muito obrigado – este equívoco conseguiu finalmente indignar até os que prefeririam ter continuado silentes.



Yvette Centeno, escritora e tradutora

Seria necessário explicar que um Festival se prepara com um ou dois anos de antecedência, assumindo compromissos de país de bem, e

acontecimentos que se inscrevem na paisagem da criação. É o caso do Festival d'Avignon, em França, para dar um exemplo que conheço bem. O Festival de Almada ganhou uma qualidade que transformou a imagem da cidade em que surgiu. Por ser em Almada, por estar ligado ao nome desse homem que fez do teatro um emblema da resistência ao fascismo, e por contribuir para que Almada se tenha tornado um nome de destaque no mundo da cultura, o Festival não pode ser impedido de prosseguir a sua actividade



Manuel Graça Dias, arquitecto

O Festival de Almada, ao fim des-



Miguel Real, escritor

O Festival de Almada tem sido a grande escola da dramaturgia portuguesa, com assistência anual de uma selecção apuradíssima de peças e espectáculos de elevada qualidade ao nível da encenação, mas também ao nível dos textos. As duas semanas anuais do Festival constituem, para os portugueses, artistas, técnicos e espectadores, um curso acelerado de actualização teatral ao nível dos cenários, dos figurinos, dos adereços, da representação e da encenação, isto é, ao nível de uma valorosa experiência estética. Crescemos com o Festival e consideramos que a simples possibilidade de ele ser amputado de qualidade ou

apoia. O Festival de Almada foi-se fazendo e crescendo, contra a escassez, contra a pequenez, contra a estupidez... Foi acolhendo o melhor do melhor, criando com qualidade e inovação, a partir da visão de Joaquim Benite, agora continuada por Rodrigo Francisco. Criando também correntes de público fiéis, é hoje reconhecido como o Festival de Teatro mais importante e diversificado do país. Espero que acabe por reinar algum bom senso, e que o Festival de Almada continue.



José Manuel Castanheira, arquitecto e cenógrafo

Joaquim Benite, com Teresa Gafeira



«O regresso a casa», de Harold Pinter, encenação de Peter Stein (2015)

que a meio do ano em causa não se podem nem devem romper, sem mais, destruindo o prestígio das Artes num país como o nosso (ainda por cima). O caso de Almada, como o de outros, que conheço bem, é especialmente pertinente: a luta por um espaço próprio, de dignidade e criação original, começou ainda nos anos sessenta. E agora, depois de uma Revolução desejada e celebrada, arrasa-se com o que foi tão difícil conquistar? E logo com um Ministro homem de letras, Poeta?



Nuno Júdice, escritor e tradutor

Há, em todos os países em que a Cultura é uma palavra com sentido,

tes 34 anos, criou públicos, viu nascer públicos, comoveu, alegrou e perturbou públicos, que cresceram com ele nas duas margens do Tejo. O Festival de Almada, ao fim destes 34 anos, criou lugares, ocupou e equipou espaços e é disputado por salas de ambas as margens do Tejo. O Festival de Almada, ao fim destes 34 anos, montou centenas de espectáculos, encheu imensos palcos e plateias e deu-nos a ver e a conhecer inúmeras companhias, autores, encenadores, cenógrafos, figurinistas, designers de luz e de som e actores, actores, muito grandes actores, de todos os cantos do mundo. O Festival de Almada, ao fim destes 34 anos, continua a enorme aventura de ensaiar criar, anualmente, um grande evento internacional com orçamentos baixos demais; parece, realmente, "impossível que possa até chegar a existir", como afirmou uma vez um crítico do "The Guardian".



«Menina Júlia», de Strindberg, encenação de Katie Mitchell (2015)

de não se realizar um ano por falta de verbas é não só absolutamente lamentável como constitui um autêntico crime de lesa cultura. Em Portugal, não existe alternativa ao Festival!



Luísa Costa Gomes, escritora e tradutora

Quando oiço falar em "subsídio", essa noção aviltante, não saca da pistola como o Nazi, mas do argumento: estamos a investir no que perdura, isto não são acções da Bolsa. Nas outras actividades o Estado investe, mas a Cultura — que já toda a gente sabe não ser coisa de gente séria — o Estado subsidia, ajuda,

e outros, como actualmente Rodrigo Francisco, sonharam e construíram ao longo de 35 anos uma grande festa do teatro, cuja dimensão ultrapassou fronteiras e que é hoje conhecida e reconhecida pelo mundo fora como um marco incontornável no panorama internacional do teatro. O meu trabalho como cenógrafo e arquitecto, a universidade e a investigação levam-me com frequência a diversos países. Posso testemunhar, se tal fosse necessário, que no mundo do teatro não há praticamente ninguém que não saiba e não reconheça um enorme prestígio ao Festival de Almada, sendo que muitos deles passaram já por lá, directa ou indirectamente. No Verão, em Almada, abre-se por magia uma gigante janela sobre o mundo. Todos os anos em Julho, milhares de pessoas acorrem aos inúmeros espectáculos da policromática programação desta festa em Almada. O Festival Internacional de Teatro de Almada é a cada ano a continuação de uma bela viagem que nos permite abrir

sucessivas janelas sobre o mundo, tornando-se um acontecimento ímpar, direi mesmo imprescindível, na vida cultural do país, pelo que me é difícil imaginar razões que levem à tentativa do seu estrangulamento.



José Peixoto, encenador, actor e director do Teatro dos Aloés

Sou espectador do Festival de Almada desde os seus primeiros tempos, quando se realizava no Pátio do Prior do Crato na velha e formosa Almada. Assisti ao seu crescimento, à sua internacionalização, à sua expansão para fora de Almada, ao movimento que o tornou na mais importante mostra de teatro do País. Mas o Festival

de pedras ou de afectos. Este é um momento que nos deve fazer levantar da distração natural das coisas do dia-a-dia das nossas vidas. Não podemos continuar insensíveis ao cair do mundo e das coisas que amamos. Por isso venho interceder para que o apoio necessário à continuação do Festival de Almada nos moldes que existe, e está programado, se torne uma realidade.



Clara Andermatt, coreógrafa

Venho testemunhar o valor do Festival de Almada em território português e fora deste, sempre com a missão de educar, informar, intervir e revolucionar através das suas pro-

exemplo de longevidade, visibilidade e sucesso. E no entanto, se considerássemos que aquilo que são alguns paradigmas de um apoio inequívoco se resumisse a este triângulo amoroso, estaríamos obviamente condenados ao infortúnio. A perda ou a desvitalização do Festival de Almada é uma séria ameaça à interrupção de um ciclo que faz parte da memória colectiva. Da boa memória colectiva. Da que sobrevive à velocidade dos dias.



Luisa Pinto, encenadora e directora artística da Narrativa-AC

O Festival de Almada, ao longo dos anos, elevou os seus objectivos

em que as Artes sobrevivem em Portugal não é consentânea com o discurso político nem com a qualidade da democracia que se exige num país europeu. A reiterada ausência de memória, por parte das sucessivas tutelas da Cultura, acaba sempre penalizando aquelas estruturas que, ao longo dos anos, ajudaram ao crescimento sustentado das cidades médias portuguesas, fruto de projectos de criação e formação de públicos consequentes, num inestimável serviço público de proximidade para uma mais qualificada cidadania. A CTA e o seu Festival são exemplo vivo desta realidade. O seu contributo para a Cultura Teatral é insofismável. Cortar um apoio neste contexto, é dramático e obscuro. Os responsáveis das estruturas teatrais são pessoas conscientes do tempo que vivem e das responsabilidades assumidas, perante a Cidade, os parceiros e os Artistas. Penalizar o Festival de Almada é apertar mais o garrote que pode conduzir à morte. É urgente que a Cidade saiba quem são os executores.



«Hamlet», de Shakespeare, encenação de Luis Miguel Cintra (2015)



«Rei Ubu», de Jarry, encenação de Declan Donnellan (2014)

estival não é só um encontro de teatros. É um local de encontro de pessoas que amam o teatro e onde se discute e se trocam análises e pontos de vista sobre o que nos é mostrado, onde as pessoas se galvanizam a defender as suas opiniões. O Festival ganhou a dimensão de Serviço Público e é assim que deve continuar.

postas de programação. É fundamental que o Festival continue com a pujança que sempre o distinguiu e com as condições necessárias para prosseguir o incontornável trabalho no desenvolvimento do Teatro e das Artes performativas em Portugal.

numa programação pautada por critérios de qualidade, onde cabem as grandes estruturas, as pequenas estruturas, os Mestres de referência e os jovens criadores. O Festival de Almada promove e divulga a criação artística nacional e internacional, fomentando desta forma o intercâmbio cultural e a troca de experiências entre os criadores. Importa, então, que o Festival de Almada prossiga com as condições necessárias para concretizar os objectivos com a qualidade a que se propõe sempre.



Luís Vicente, director d'A Companhia de Teatro do Algarve

O Festival de Almada é, prosaicamente falando, uma Instituição; poeticamente falando, é "um transatlântico movido a pedais" como lhe chamou um ano destes Antonio Simón, um cenógrafo espanhol que o visitou. E quando uma realização humana alcança dimensão merecedora de olhar poético, estou em crer - assim me ensinaram os mestres -, que nos encontramos perante um fenómeno de transcendência. Na sua feição Institucional, com os respectivos pressupostos inerentes que são - ou deveriam ser - do geral conhecimento, o Festival de Almada exprime transcendência por via de um audaz



João Garcia Miguel, encenador

Hoje o Festival de Almada é já um acontecimento que marca a vida e o ritmo da cultura e da criação teatral em Portugal e na Europa. Portugal não se deve comportar deste modo para com os seus filhos e para com os seus patrimónios. Sejam eles fei-



João Reis, actor e encenador

Num contexto em que a possibilidade de vermos espectáculos de referência, de uma forma regular e criteriosa, se tornasse ambição de uma boa parte das capitais de distrito e de algumas outras cidades, o Festival de Almada assumiria, destacado, um lugar único e singular na afirmação de uma ideia que se tornou um



Rui Madeira, encenador e director da Companhia de Teatro de Braga

A situação de precária fragilidade

exercício de rigor funcional e exigência artística, e de um voluntarismo delicado no cumprimento de acolher a transversalidade dos géneros com estilos e problemáticas tais que nos convocam, a um tempo, à fruição estética e ao Conhecimento (e isto realizado, desde há 34 anos, por uma estrutura de criação artística teatral – o que é raro, muito raro!). São momentos sublimes!



Maria Rueff, actriz

O Festival de Almada tem sido, desde o seu início, a única janela aberta para o que de melhor se faz no mundo, no Teatro. Que não seja agora, quando o mundo se abre para

a experiência acumulada ao longo de 34 anos. Seria um acto irresponsável, por parte de quem governa, e uma falta de respeito pela memória de Joaquim Benite.



Carlos Vieira de Almeida, actor

A diminuição da comparticipação estatal põe em risco a realização de um Festival que conquistou prestígio internacional, mercê da qualidade dos colectivos participantes, e confirmada por um público que tem tido o privilégio de assistir aos seus espectáculos. O Festival de Almada, que já podemos dizer que é histórico, sendo o 'filho' querido do Joaquim Benite, deverá ser mantido a todo o custo.



«Paisagem desconhecida», de Josef Nadj (2014)

Portugal, que se feche a janela que sempre serviu todas as margens aos que não tiverem, nem têm forma de combater o seu isolamento cultural. É missão do Estado garantir que a todos a Cultura chegue!



Pedro Lima, actor

O Festival de Almada põe-nos em contacto com o melhor que se faz no mundo. Para muitos, que não têm possibilidade de viajar, só no Festival conseguem ver espectáculos que representam uma fonte de inspiração para podermos tentar acompanhar o que se faz no mundo. Constituiria uma perda irreparável perdermos este Festival, e desconsiderar toda



Cláudia Dias, coreógrafa

O Festival de Teatro de Almada é o mais importante festival de teatro realizado em Portugal. Não pode, por isso, ser posta em causa a sua realização. Não obstante a sua forte implantação local, o Festival de Teatro de Almada tem uma abrangência nacional e internacional. É um projecto cultural da maior importância para o concelho e para o país. Enquanto artista e município almadense considero que colocar em risco este festival, que conta já com três décadas, é comprometer o futuro.



Maria Helena Serôdio, Professora Catedrática da FLUL (aposentada)

Venho lamentar a decisão de diminuir tão drasticamente o apoio à Companhia de Teatro de Almada. A qualidade da produção desta companhia – contínua, exigente e de elevado valor artístico – bem como o dinamismo que tem sabido activar junto do público para manter um excepcional Festival Internacional de Teatro, justificam um melhor entendimento e valorização do trabalho que vem desenvolvendo em prol do teatro em Portugal. A continuidade des-



Maria João Brilhante, Directora do Centro de Estudos de Teatro

A mera possibilidade de ver a existência do Festival de Almada ameaçada pelo corte de financiamento à Companhia de Teatro de Almada, resultante do atribulado e contestável concurso de apoio sustentado à criação artística nacional, só pode ser entendida como uma aberração ou como uma distração de quem neste momento nos governa, tendo em conta o que este Festival tem sido, desde 1984, e o que representa para uma comunidade muito lata de espectadores de teatro. São, na verdade, muitos os que frequentam cada ano o Festival, vindos de várias paragens, do país e do estrangeiro. A sua repercussão local, nacional e



«E se nos metêssemos ao barulho?», Théâtre Dijon- Bourgogne (2014)

te seu trabalho é ainda um incentivo às artes em geral, não apenas dinamizando a criatividade cénica (na escrita, tradução, cenografia, música, encenação e representação), mas também introduzindo o público no gosto da diversidade e no espírito crítico face às diferentes opções artísticas que actualmente o teatro pode oferecer. É também enquanto espectadora regular do teatro que esta companhia vem oferecendo ao público português que lamento a restrição imposta ao desenvolvimento do seu trabalho, que viria a prejudicar não apenas os espectadores, mas também os artistas envolvidos, na medida em que inviabilizaria os encontros internacionais – no campo de artistas e espectadores – que até hoje tem dinamizado – e que, bem sabemos, poderão abrir caminho para melhor se conhecer – também lá fora - o teatro português. Enfraquecer (ou destruir mesmo) o trabalho que ao longo dos anos tem sido desenvolvido seria (muito provavelmente) um fim sem qualquer possibilidade de retorno.

internacional, esta que testemunho pessoalmente nos vários fóruns em que participo, é com certeza conhecida de todos e em especial dos que avaliaram o projecto quadrienal da Companhia. Não se acaba ou se conduz à degradação, impunemente, um projecto visionário como este, que Joaquim Benite pensou para um país que sonhou democrático. Um Festival que é um lugar de memória pelo seu papel na transformação intelectual e cívica dos espectadores, na educação artística de muitos jovens que o frequentam, na imagem responsável que foi transmitindo do que é o trabalho no campo das artes. O Festival de Almada continua a ser aquilo que Joaquim Benite concebeu: um lugar de Festa e encontro de públicos variados no seu estatuto social, na sua educação teatral, na sua idade, mas tendo em comum o entusiasmo pelo Teatro; públicos que chegam disponíveis para, naquelas duas semanas de Julho, descobrir formas artísticas diferentes e alimentar com as suas vivências este lugar de memória.



Eugénia Vasques, crítica de teatro e Professora da ESTC

O Festival de Almada, que se designava nas primeiras décadas, mais paroquialmente, “A Festa de Almada”, existe, ininterruptamente, há trinta e quatro anos. Vai, pois, na sua 35.ª edição. Começou, como todos nos lembramos, no coração histórico daquela cidade onde Manuel de Sousa Coutinho estabeleceu quartel de oposição aos invasores. De acontecimento sazonal comunitário, acolhido nos pátios, janelas e casas dos vizinhos do Teatro, transformou-se, na primeira década, num motor de desenvolvimento municipal e patrimonial — lembrem-se do que era a Casa da Cerca, hoje Centro de

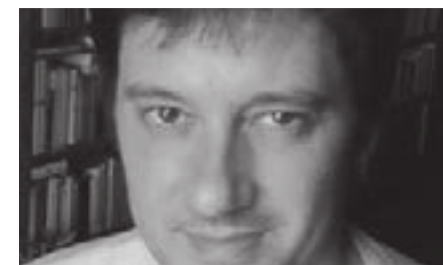
ços que mobiliza está entre o melhor e mais estimulante que lá fora e cá dentro se vai fazendo neste campo artístico. Sem procurar consenso fácil por parte do público exigente que foi fidelizando e de novos públicos que vai atraindo, nesta ocasião criadores e fazedores de teatro são artistas sem fronteiras, em território franco e em situação de intercâmbio. O ambiente de acolhimento e de diálogo propicia encontros e relações, artísticas e humanas, que renovam o espírito inicial e celebrativo de um efémero participado, que permanece e alimenta novas utopias para o futuro. O Festival de Almada é nacional e internacional. Apenas um provincianismo enraizado pode gerar a confusão e identificação de “internacionalização” com “exportação”. Seria um erro grosseiro permitir que esta experiência tão fértil deixasse de existir. Desinvestir num projecto tão sólido seria um gesto inconsequente e injusto relativamente à visão e dedicação generosa que o tornaram possível.



Irène Sadowska Guillon, crítica de teatro

Manifesto a minha indignação pelos cortes de financiamento anunciados ao Festival de Almada. Seria uma vergonha e uma atitude assassina por parte dos responsáveis pela cultura de um governo democrático. O Festival de Almada sobrevive com um financiamento reduzido, apesar de ser um dos mais importantes e impactantes da cena internacional. Estou totalmente contra este acto de incompreensão total daquilo que deve ser a cultura.

tival está ligado, mas igualmente na imagem de Portugal no Mundo.



Joaquim Armengol, crítico de teatro e editor

Desde o primeiro Verão em que visitei Lisboa e Almada que sou um fiel seguidor do Festival. O Festival de Almada é uma janela aberta para a Europa e a América Latina; uma janela que tem uma direcção dupla e maravilhosa, porque traz espectáculos imprescindíveis de outros países para os portugueses e, ao mesmo tempo, mostra a produção teatral portuguesa ao Mundo, para que possa ser exportada. É um festival imprescindível, como são o Festival de Avignon, em França; ou Edimbur-



«A reunificação das duas Coreias», de Joël Pommerat (2014)

Arte Contemporânea —, alastrando, como as águas do rio, para as duas cidades da margem taguiana. Acompanhei, com os demais críticos de teatro, a transformação do Festival de Almada em palco da miscigenação contemporânea. É modelo de produção na Europa e no mundo, e exemplo de partilha, solidariedade e festa. Chamam-lhe o Festival d’Avignon dos portugueses.



Ian Herbert, Presidente honorário da Ass. Int. de Críticos de Teatro

Ao longo dos anos fiz várias visitas ao Festival de Almada, e pude verificar, com prazer, a forma como evoluiu de um evento local a um Festival de classe internacional. Durante esse período Almada ganhou um óptimo edifício teatral, e o respeito dos críticos e dos actores de muitas partes do Mundo. Atacar uma instituição com um valor cultural tão elevado parece-me uma decisão muito pouco sensata, que terá uma repercussão não só para Almada, mas também para o País, que verá a sua excelência artística posta em causa.



«A última gravação de Krapp», de Beckett, encenação de Peter Stein (2013)



Marina da Silva, jornalista cultural do «L’Humanité»

Enquanto jornalista, e fazendo a cobertura do Festival de há dez anos a esta parte, testemunhei todas as suas fases de desenvolvimento, bem como a aura que conquistou junto da comunidade internacional de artistas, particularmente em França. O renome do Festival de Almada não tem parado de crescer, tanto junto dos criadores como do público. Dos festivais de Verão, depois de Avignon, o Festival de Almada é o mais esperado. Diminuir desta forma a subvenção estatal, essencial a realização deste Festival, é assestar um golpe não só no Festival de Almada, e em todos aqueles a que este Fes-

go, na Escócia; o Temporada Alta, em Girona; ou o Festival Grec, em Barcelona. O Festival de Almada tem uma importância fundamental para o circuito teatral da Europa e da América Latina. Não há povos, não há países, sem uma cultura forte e aberta ao Mundo.



Sebastiana Fadda, crítica de teatro

Dispensando já o adjetivo “Internacional”, o Festival de Almada encontra-se inscrito no circuito dos festivais de teatro europeus de renome, e o que traz para os palcos e espa-



Gilles Costaz, crítico de teatro

O Festival de Almada é um dos grandes festivais de teatro europeus. É necessário para o público português, e à circulação de produções portuguesas pelo Mundo. Este Festival deve continuar a existir na dimensão que alcançou desde a sua criação: vasta, apaixonante e aberta.



José Gabriel Antunãno, crítico de teatro e dramaturgista

Quero expressar o meu total repúdio no corte de financiamento que paira sobre o Festival de Almada por dois motivos:

a) Porque pressupõe um dano muito grave para a cultura, que é a base do crescimento de uma nação em todos os âmbitos (sociopolítico, na área do conhecimento e, a curto prazo, na economia);

b) Porque uma redução de financiamento tão drástica irá impedir o Festival de apresentar uma boa programação teatral, como é habitual num Festival com mais de 30 anos de trajectória. Ou poderá mesmo le-

formação, oferecendo um inestimável serviço público. Da mesma forma, através do Festival, a Câmara Municipal de Almada ocupa um lugar destacado no mapa mundial das artes cénicas, quer como anfitriã de excepção de projectos internacionais, quer como escaparate privilegiado do teatro português.



Manuel Sesma Sanz, crítico de teatro

O Festival de Almada é considerado um dos melhores festivais europeus, quer pela categoria dos criadores (autores e encenadores), quer pela categoria das companhias – algumas delas presentes na última edi-

tornando-se inclusive num importante factor de promoção turística da região. Este Festival possibilita àqueles que se dedicam ao teatro profissionalmente, como nós, perceber mais alguma coisa sobre o teatro que se faz no mundo.



Sergio Escobar, director do Piccolo Teatro di Milano

Quero manifestar o meu grande apreço pelo precioso papel que o Festival de Almada desenvolve, há vários anos, no âmbito internacional. Tivemos já ocasião de colaborar, e

gramação, e tem este Festival como um dos mais relevantes que há na Europa, com 35 anos de trajectória — primeiro dirigido por Joaquim Benite e agora por Rodrigo Francisco. Para um evento desta envergadura é necessário o apoio económico por parte das instituições. Daí a nossa petição para que o Governo de Portugal reconsidere a sua intenção de reduzir a subvenção ao Festival de Almada. O corte previsto incapacitaria a actividade do Festival e empobreceria a riqueza cultural do nosso muito querido Portugal.



Ignacio Garcia, director do Festival de Almagro (Espanha)

Quero manifestar a título pessoal a



«A linha amarela», de Juli Zeh e Charlotte Roos, encenação de Ivica Buljan (2013)

var à sua suspensão, com as graves consequências culturais, sociais e de ordem económica – estas últimas relacionadas com a promoção turística de Almada e da sua região. Espero que um tão grave atropelo não chegue a concretizar-se.



Vanesa Sotelo, directora da «Revista Galega de Teatro»

O Festival destaca-se pelo trabalho que realiza na hora de tecer pontes com o resto da Europa, facilitar o acesso ao trabalho de figuras de referência, propiciar o intercâmbio entre criadores, fomentar o debate e a reflexão sobre as artes cénicas, e reforçar os espaços destinados à

ção deste Festival. A Companhia de Teatro de Almada tem demonstrado, desde a sua fundação, níveis de excelência, não só no que toca às suas produções próprias, como também pela organização do Festival de Almada, que acontece há 35 anos. Quero manifestar o meu mais enérgico protesto, para que as autoridades responsáveis reflectam, e possam manter e aumentar, na medida do possível, a subvenção à Companhia de Teatro de Almada.



Tommaso Chimenti, crítico de teatro

Deve sublinhar-se, de facto, o grande impacto que o Festival tem no próprio território em que acontece,



«O prêmio Martin», de Eugène Ionesco, encenação de Peter Stein (2013)

verificámos o profissionalismo e a paixão que caracterizam a equipa que o organiza. Temos desenvolvido vários contactos, nos últimos anos, e esperamos regressar a Almada, a um Festival dirigido com empenho e seriedade, e com uma programação de elevada qualidade artística. Bem sei que um corte como o que foi anunciado, nesta altura, pode colocar em risco a próxima edição do vosso Festival. Espero sinceramente que esse corte não se verifique.



José Luis Gómez, director do Teatro de La Abadía (Madrid)

O nosso teatro teve a oportunidade de integrar por duas vezes a sua pro-

minha solidariedade e o apoio ao Festival de Almada, bem como assinalar o trabalho esplêndido e plural que o Festival faz de divulgação teatral (com a presença de vários países e linguagens teatrais), e sobretudo a sua contribuição para a criação de laços cívicos entre os espectadores. Creio que os muitos anos de um trabalho incansável deram frutos magníficos, reconhecidos a nível internacional, e que não é justo que estes frutos sejam truncados. Portanto, com estas breves linhas manifesto — como cidadão, como artista, e como director de um festival internacional irmão — o meu repúdio à intenção de cortar meios à cultura. Creio que se trata de um erro gravíssimo, e que Portugal, graças a eventos significativos como o Festival de Almada (de enorme prestígio internacional a nível mundial) conseguiu transmitir uma mensagem de crescimento, e de evolução social e cultural. Um país só pode crescer se apoiar inequivocamente a sua cultura, e, claro, o seu teatro. Confio em que o Governo português reconsi-

dere, e que mantenha o apoio ao Festival de Almada, e que possamos novamente desfrutar este Verão de uma edição magnífica, que continue a constituir uma bandeira de Portugal e um símbolo para o Mundo daquilo que o país de melhor tem para dar. Viva o Festival de Almada.



Juan Hormigón, Secretário-Geral da Ass. Encenadores de Espanha

O Festival de Almada, já há muitos anos, tem sido um exemplo quer pela sua programação — com espectáculos de diversos países, sempre com um grande nível artístico e profundidade de pensamento —, quer por se tratar de um lugar de encontro entre profissionais do teatro, que aí podem debater várias questões relacionadas com o seu trabalho. Pelo que ficou dito, gostaria de transmitir, em meu nome e da Associação de Encenadores de Espanha, o nosso reconhecimento e solidariedade para com o Festival de Almada. Da mesma forma, confiamos que o Governo português medite sobre a medida que pretende adoptar — e a ela renuncie, a bem do teatro, da cultura portuguesa e do desenvolvimento cultural do Sul da Europa.



Aurora Cano, directora artística do DramaFest (México)

A relevância do Festival de Almada está ligada à figura do grande Joaquim Benite, que, como sabem, criou este Festival como um bastião da cultura numa área em que predominavam as classes trabalhadoras, abrindo horizontes e fortalecendo a coesão social. Este incrível legado tem sido continuado de uma forma magnífica e congruente por Rodrigo Francisco, que ao longo dos anos se encarregou de conservar o espírito social do Festival, oferecendo sempre ao público de Almada e de Lisboa a oportunidade de ver o melhor teatro do Mundo. Na nossa perspectiva, a tarefa que o Festival de Almada leva a cabo, dialogando e dando espaço à cena internacional, tem um valor incalculável e deve ser protegida, nestes tempos vazios em que já sobram muito poucos espaços para a reflexão artística e a mobilidade social.



Roberto Pascual, director da Mostra de Ribadavia (Galiza)

Recebemos com preocupação e consternação a notícia de um possível corte ao orçamento da próxima edição do Festival de Almada. Este evento é uma referência clara para toda a Espanha, como se pode ler nas reportagens publicadas no nosso país a propósito deste Festival pujante e histórico. Espero que este anúncio de corte por parte do Ministério da Cultura do governo português seja rectificado, e depressa tenhamos a alegria de poder saber que aquilo que à partida foi um erro se revela apenas uma piada de mau gosto — e um susto, que nos põe em alerta a nós e ao teatro europeu, português e ibérico. O Festival de Almada é um exemplo no que toca à consolidação das artes cénicas.



Mihai Maniutiu, director do Teatro Nacional de Cluj-Napoca

Ficamos desolados ao verificar que a subsistência do Festival pode estar em risco, e queremos expressar-lhe o nosso apoio. Acreditamos fortemente que o Festival de Almada é essencial tanto para a comunidade teatral internacional, como para as companhias portuguesas. É um evento que propicia o encontro artístico entre as diferentes formas de fazer teatro, entre o teatro e outras formas de arte, e entre a arte e a vida. Num mundo em que o teatro muitas vezes é tratado como “o parente pobre”, temos considerado o Festival de Almada como uma espécie de “herói” — admirando a sua força e longevidade, a atenção que presta ao público, os magníficos encontros que propicia, a mistura entre as dimensões local e global, o clássico e a vanguarda, e as suas abertura e audácia.



Manuel Guede Oliva, ex-director do Centro Dramático Galego

É impossível imaginar França sem o Festival de Avignon; impossível ima-

ginar o Reino Unido sem o Festival de Edimburgo; impossível conceber Portugal sem o Festival de Almada. É impossível interpretar a Europa do teatro sem Avignon, sem Edimburgo, e sem Almada. Desde a Galiza segue o meu apoio cúmplice, e a minha esperança de que este dislate se corrija.



Vincent Baudriller, director do Théâtre Vidy-Lausanne e ex-director do Festival d'Avignon

O Festival de Almada é um importante festival internacional europeu. Nos últimos anos tem permitido que grandes artistas europeus se tenham apresentado ao público português, num ambiente maravilhoso e alegre, próprio dos festivais de Verão. Entre os anos de 2015 e 2017 o Théâtre Vidy-Lausanne apresentou em Almada espectáculos de Christoph Marthaler, Thomas Ostermeier e Mathias Langhoff. Todos os artistas que participaram neste Festival estão de acordo em relação à sua qualidade no que toca à sua equipa e ao cuidado que tem na sua organização. O nosso teatro apoia o trabalho e a capacidade de iniciativa de Rodrigo Francisco e da sua equipa, e esperamos que o financiamento do Governo português possa manter-se na edição de 2018 e nas edições futuras.



Antonio Araujo, director artístico da MIT São Paulo

A importância de um Festival de Teatro com o porte do Festival de Almada não pode ser mensurada em números. Sendo certamente um dos mais relevantes eventos de artes cénicas da Europa, o Festival de Almada é um importante ponto de encontro entre artistas e profissionais de teatro, fomentando o intercâmbio cultural e servindo de vitrine para as cidades de Almada e Lisboa e todo o país, que nos últimos anos tem recebido cada vez mais artistas e intelectuais de todo o mundo, enriquecendo ainda mais a já prolífica cena cultural portuguesa. Em um momento político mundial como o que vivemos hoje, em que vemos avançar uma direita retrógrada e o aumento assustador de um pensamento conservador e até mesmo fascista, eventos como o Festival de Almada trazem um alento e funcionam como um ato de resistência diante da barbárie, trazendo a arte e a cultura para o centro do debate,

fomentando o pensamento crítico e a formação cultural na comunidade em que se insere. Fazemos votos de que a decisão de cortes no aporte ao Festival por parte do Ministério da Cultura português seja revista e que este grande festival siga a sua exitosa história sem deixar de ser a potência que hoje é.



Risto Nieminen, director do Serviço de Música da Fundação Calouste Gulbenkian

A Fundação Calouste Gulbenkian, através do seu Serviço de Música, tem vindo a colaborar regularmente com o Festival de Almada, designadamente no que à música diz respeito. Nos últimos anos, a Orquestra Gulbenkian tem-se apresentado no âmbito do Festival, contribuindo para a diversificação da sua programação, que, mantendo-se fiel à sua originária vocação teatral, veio gradualmente ultrapassando as fronteiras do género, sublinhando a interdisciplinaridade que os dias de hoje reclamam. Estabelecido como um dos mais importantes eventos culturais do País, há muito ultrapassou o alcance nacional, sendo uma referência singular na projecção da cultura nacional além-fronteiras, bem como na difusão das tendências atuais do Teatro internacional. O Festival de Almada é, inequivocamente, uma referência cultural fundamental para o País, potenciando de forma indelével a qualificação de públicos e o seu sentido crítico.



Tânia Pires, directora do FESTLIP (Rio de Janeiro)

Vimos manifestar a importância do Festival de Almada no cenário da arte mundial. Desde 1984, quando iniciou a sua actividade, que o Festival se posicionou como um forte promotor da internacionalização do teatro português. Além de todas as acções de intercâmbio e pesquisa que se desenvolve nesta plataforma, o Festival de Almada é uma grande vitrine para a indústria criativa das artes cénicas em Portugal. Hoje o Brasil estabelece um forte vínculo com o Festival de Almada, que sempre teve um olhar curatorial para o teatro brasileiro, no território da bilateralidade. Com certeza absoluta, as artes portuguesas não estariam hoje no patamar em que se encontram de internacionalização sem as edições continuadas desse renomado Festival.